

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Serviço de Música

ENCONTROS DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

AUDITÓRIO DOIS, Quinta-feira, 30 de Junho de 1977 - 18.30 h.

P R O G R A M A

F.PIRES

Diálogos

para flauta, percussão, harpa, guitarra,
piano, violino, viola, violoncelo e fita
magnética

CLOTILDE ROSA

Encontro

para flauta e quarteto de cordas

CONSTANÇA CAPDEVILLE

Momento I

para barítono e conjunto instrumental

J.PEIXINHO

As quatro estações

para trompete, violoncelo, harpa, piano,
e fita magnética

GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA

Jorge Peixinho, piano e direcção. Carlos Franco,
flauta e direcção. Clotilde Rosa, harpa. António
Reis Gomes, trompete. J.Lopès e Silva, guitarra.
Catarina Latino, percussão. Manuel João Afonso,
José Machado, violinos. António Oliveira e Sil-
va, viola. Luisa Vasconcellos, violoncelo.
Orlando Worm, barítono.

F. PIRES - "Diálogos" (1975)

FILIPPE PIRES nasceu em Lisboa em 1934. A sua trajectória criadora reflecte a evolução histórica da música em Portugal nas duas últimas décadas, na medida em que, partindo de um neo-classicismo e de algumas esporádicas incursões no terreno do folclore e passando pelo atonalismo e pelo dodecafonismo, vem confluír na música electro-acústica (de que foi um pioneiro no nosso país) e numa muito pessoal concepção do post-serialismo.

Os "Diálogos" foram compostos em 1975 correspondendo a uma solicitação do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Conforme o próprio título indica, trata-se de uma peça baseada num jogo muito intenso e diversificado de "diálogos" (com toda a gama de conotações que tal conceito implica) a três níveis distintos: os instrumentos no interior de cada grupo (flauta e percussão cordas dedilhadas e piano; trio de arcos); todos os instrumentos e os grupos entre si; e o conjunto instrumental "life" com a fita magnética, esta por seu turno composta por fragmentos gravados (com algumas - poucas - manipulações) pelos próprios participantes.

O que de mais relevante se me afigura nesta obra é a organização de uma complexa rede de texturas, de densidades e transformações tímbricas, reforçada ainda por uma estruturação harmónica fundada num equilíbrio instável e bem doseado entre cromatismo e diatonismo, não recusando até subtis alusões ao universo sonoro raveliano. Estes valores conferem a "Diálogos" um cunho muito peculiar e verdadeiramente original. Esta obra foi galardoada na Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO em Paris em 1976.

JORGE PEIXINHO

CL. ROSA - "Encontro" (1976)

CLOTILDE ROSA diplomada em harpa e piano pelo Conservatório Nacional nas classes de Cecília Borba e Ivone Santos, estudou posteriormente, como bolseira da Fundação Gulbenkian e do governo holandês em Amsterdam e Paris com Phia Berghout e Jacqueline Borot. Trabalhou na realização de "baixo cifrado" com os Profs. Zingel em Colónia e Kastner em Lisboa e ultimamente com Jorge Peixinho. A partir de 1962 tem-se dedicado especialmente à música contemporânea, havendo participado nos cursos de verão de Darmstadt durante três anos.

Como membro do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa desde a sua fundação, acutou em concertos em Portugal, Espanha, França, Bélgica e Polónia. Uma longa experiência como instrumentista de música contemporânea, a participação nos cursos de Darmstadt e a colaboração activa na composição da obra colectiva do G.M.C.L., "In-Con-Sub-Sequência" em 1974 conduziu Clotilde Rosa à concepção e realização da composição, como resultado profundo dos estímulos e experiências vividos e assimilados. Até agora compôs três obras: "Encontro" para flauta e quarteto de cordas (obra recomendada pela Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO em 1977), "Contrastes" para flauta e harpa céltica e "Alternâncias" para flauta e piano.

"Encontro", peça dedicada a Carlos Franco e aos colegas do G.M.C.L., baseia-se num confronto entre duas dimensões autónomas: a flauta e o quarteto de cor-

das. O papel da flauta nesta obra é eminentemente solístico, concebido a partir de um certo número de células melódicas. É patente o objectivo de fazer reviver um lirismo e uma expressividade intensos, através da recuperação de um sentido discursivo vinculado deliberadamente à tradição histórica e a uma organização subtil de intervalos e registos. Por seu lado, a escrita do quarteto revela um cunho marcadamente expressionista, com os seus contrastes harmónicos, oscilando entre vários pólos - "clusters" cromáticos e diatónicos (tons inteiros) e suas combinações, etc.. No decorrer da obra os instrumentos de corda (inicialmente em bloco) vão-se individualizando progressivamente, "apoderando-se" das células e motivos expostos pela flauta e estabelecendo com esta um diálogo até convergirem todos para um "tutti" final entrecortado pela cadência de flauta e resolvendo-se numa verdadeira integração colectiva, tanto física como estruturalmente, funcionando quiça como um símbolo de unidade. Esta obra foi recentemente (1977) galardoada na Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO.

CLOTILDE ROSA

CONSTANÇA CAPDEVILLE - "Momento I"

MOMENTO I

liberta

o

INSTANTE

móvel

não

queiras

criar o

TEMPO

;

deixa

o

TEMPO

ser

quanto a mim, há apenas duas atitudes perante este tema sempre apaixonante que é o TEMPO : ou tentamos escapar-lhe, ou encaramos o INSTANTE como único espaço habitável; é esta última atitude que escolhi para o momento I.

fazer viver, viver e meditar cada AGORA, sempre fixo e sempre móvel, desarticulado em relação ao conjunto, mas um TODO em si mesmo; tranquilo, por vezes violento, pacientemente obstinado ou frenético, mas sempre solitário e não recuperável.

o material temático foi dissecado e reduzido ao mínimo de expressão, todo o movimento da obra foi conduzido no sentido da concentração da linguagem sonora e da procura tímbrica, num espaço de meios propositadamente limitados. os momentos aleatórios - raros, diga-se de passagem - foram muito controlados, na tentativa de dar ao intérprete uma possibilidade de reflexão e de vivência sonora puramente musical.

a realidade SOM/INSTANTE, entregue a si própria, é semelhante a cada existência humana: espontaneidade no momento da eclosão, sobrevivência dependendo do próprio esforço.

CONSTANÇA CAPDEVILLE

JORGE PEIXINHO - "As Quatro Estações" (1968-1972)

Os primeiros esboços de "As Quatro Estações" remontam a 1968, ano em que escrevi a música de cena para a peça de teatro homônima de Arnold Wesker. Os trechos musicais intercalados na peça eram já destinados aos instrumentos definitivos, ou seja, a trompete, o violoncelo, a harpa e o piano, sendo a gravação efectuada pelos mesmos intérpretes hoje participantes neste concerto. Ao longo dos anos, e até à elaboração da versão definitiva, em 1972, fui trabalhando pacientemente na composição de uma obra homogênea, retomando as ideias iniciais, alterando-as, desenvolvendo-as, reelaborando-as e recompondo-as. Paralelamente e de acordo com o sentido original da obra, elaborei uma rede muito complexa de citações e reminiscências (a vários níveis de fidelidade ou de manipulação) de fragmentos musicais de diferentes compositores (Vivaldi, Haydn, Beethoven, Wagner, Strauss, etc.) que se cruzam e interpenetram como incrustações no corpo da obra. Por outro lado, ao basear-me no "tema" das "Quatro Estações", procurei seguir uma via de certo modo "super-naturalística", assumindo todas as conotações implícitas na sucessão climática e "psicológica" (portanto metafórica) das estações do ano e tentando captar-lhe os seus aspectos essenciais e relevantes, sem esquecer as suas implicações "culturais". A audição de "As Quatro Estações" exige ainda uma nova perspectiva de fruição, de acordo com um fluir permanente do tempo musical, este por sua vez, símbolo micro-cósmico do tempo-espaço definido pelas estações do ano. Esta obra, escrita em homenagem a Franz-Joseph Haydn, é dedicada a Luisa de Vasconcelos, Clotilde Rosa e António Reis Gomes, criadores da 1.ª audição absoluta em 1972.

JORGE PEIXINHO